

7.

Considerações Finais

Cenários e sentimentos, opiniões e generalizações. Pesquisar acerca dos *millennials* é aproximar-se de um universo de conceitos paradoxais e descobri-lo através de seus habitantes, com indivíduos que ainda vivem sua juventude e possuem discursos estabelecidos de si. Carregam grandes expectativas da sociedade, afinal, seria a primeira geração de jovens a terem em mãos um possibilitador exponencial para “mudar o mundo”: a internet.

De “preguiçosos e desinteressados” a “multitarefa”, fato é que estão crescendo e se tornando adultos diagnosticados socialmente por meio de tais valores. Assim como Hall (2006) discorre sobre a crise da identidade do indivíduo pós-moderno, os jovens, em especial os *millennials*, também passam por tal situação. O jovem é fragmentado não apenas por sua identidade, em um mundo cheio de possibilidades, moderno, globalizado e principalmente conectado, mas, também, pelos olhares sociais que são direcionados a ele com uma série de atribuições devido ao seu recorte de nascimento. Espera-se algo grandioso deles, assim como as gerações anteriores o fizeram, considerando os enfrentamentos em governos do Brasil.

O papel de agente de mudança sempre foi atribuído, então, à juventude. As representações sociais juvenis da História marcaram os seus tempos como peças fundamentais para tantas transformações que ocorreram nos lares, na política, na auto-identidade, na cultura, entre tantos outros espaços. Socialmente, a juventude ganhou formas e discursos particulares de suas experiências. A partir do pós-Segunda Guerra, a mídia e o consumo tornariam os conceitos de geração ainda mais amarrados. Os *millennials*, que têm como principal característica o mundo conectado à internet, usam do meio de comunicação para participar das causas que acreditam também. Em contrapartida, justamente por estarem usando novas formas de atuação e fugirem das maneiras de participação usuais das gerações anteriores, são apontados por não lutarem por um mundo melhor.

As representações midiáticas dos *millennials*, em muitos momentos, não corresponderam ao que eles próprios pensam sobre sua condição geracional. Por

exemplo, não se reconhecem em valores comuns à juventude, como apresentado no vídeo *We all want to be young*. Não estão convencidos que devem desfrutar os melhores anos de suas vidas, mas vivem pressões pessoais, familiares, profissionais, entre tantas outras. Diante das investigações no campo, observou-se a falta de identificação dos *millennials* com o perfil criado sobre eles e circunstâncias de concordância pontuais. Há que se ressaltar que as conclusões aqui feitas são de um grupo de jovens, cariocas, brasileiros, e, de modo geral, que chegaram ao ensino superior, ainda que vivam em diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado, a revisão bibliográfica possui uma visão mais abrangente para versar sobre essa geração.

O capítulo 2 dessa dissertação buscou apresentar como ocorreu o reconhecimento da categoria juvenil socialmente. Os primeiros passos, conquistas e como as questões de mudança social foram de extrema importância para o mundo. Os estudos de geração que surgiam tinham intuito de aprofundar os conhecimentos sobre tais indivíduos, que já ganhavam destaque socialmente, principalmente pela fama da “juventude delinquente” da época. Desse modo, o capítulo traz reflexões sobre os valores atribuídos à juventude desde o século XVIII, sendo o de mudança social o observado com mais foco. O capítulo possibilita a observação da juventude por uma perspectiva abrangente, sem as especificidades da época em que se vive, e ainda constatar que, a partir do momento em que o jovem ganhava destaque na sociedade, a vontade de domínio sobre o que são e poderiam ser também aumentava.

O capítulo 3 anuncia o início da cultura juvenil. Assim como no primeiro capítulo, apresenta alguns dos principais movimentos da categoria e ainda as subculturas que surgiam ao longo do tempo. O consumo, estilos de vida, novas gerações, identidade e auto-identidade foram alguns dos assuntos levantados para se pensar questões de modernidade e seu aspecto fundamental para a continuação da juventude até hoje.

O capítulo 4, a metodologia, explicitou a organização da pesquisa, como direcionar o olhar para o estudo e o porquê dos aportes metodológicos.

O capítulo 5 apresentou os *millennials*, tanto pela perspectiva acadêmica quanto midiática. Notou-se que essa geração vive em meio a qualificações

completamente opostas, a depender de quem fala. Os *millennials* carregam grandes expectativas da sociedade e de si mesmos. Nos seus relatos, revelaram ter medo de se frustrarem no futuro, reconhecem a pressão social para fazer a escolha certa. A quantidade de discursos opostos sobre a juventude, classificando-a, às vezes condenando-a, precisa ser medida com mais cautela. O estágio de vida em que se encontram ainda está criando suas definições de mundo e identidade. Declarar a um jovem que passa por tal momento que ele será de determinado modo, sem outras possibilidades, é encurralá-lo ao descuido de quem idealiza tal futuro.

Já o capítulo 6 demonstrou a essência da pesquisa. Vozes e sentimentos foram expostos sem receios e estereótipos. A metodologia escolhida possibilitou atingir *millennials* de diferentes idades e contextos de vida de perto, no seu dia a dia e, em alguns casos, fazendo algumas das atividades ligadas à mudança social. Foram transparentes, abriram suas intimidades, necessidades e se mostraram humanos, acima de tudo – a geração da tecnologia é feita de carne e osso. O trabalho de campo mostrou que ela está mais do que viva e participativa, basta direcionar os olhos e a empatia para o lugar certo.

Enquanto jovem *millennial*, eu não tinha noção da dimensão do que era comentado a respeito da minha geração. Entendia os pontos que eram discutidos, como tecnologia, diferenças no modo de encarar o trabalho e quanto à ansiedade, mas quando lia do que se tratava, não era exatamente aquela a minha versão de juventude. Assim como muitos dos entrevistados, entendia que eu não era como a minha geração. Para minha surpresa, em campo, perceberia outros tantos que “fugiram à regra”.

Os temas apontados sobre os *millennials* de fato são condizentes, mas o que é dito, não. Desse modo, o roteiro¹ usado como guia para o grupo de discussão e entrevistas em profundidade não me deixava envolver ou fugir do foco da entrevista. Foi guia das entrevistas e de mim também. Ao conhecer cada entrevistado a fundo, suas histórias e o porquê de fazer o que fazem percebi a importância de escutar os *millennials* em um mundo que tanto se fala. São admiráveis em suas pequenas causas, assim como seriam se estivessem em massa.

¹ Ver no anexo10.

Na verdade, haveria, então, multidões de jovens mudando o mundo, só que não estariam no mesmo lugar. Refletindo sobre esse posicionamento, me perguntei - por que não são reconhecidos como tantas outras juventudes? Pela falta de volume? Enquanto outras juventudes louváveis na História se uniam para mudar uma grande causa, os *millennials* se espalham por causas menores. É uma juventude sem reconhecimento e muitos julgamentos, com pessoas comuns, por vezes mais jovens do que eu, que se tornaram referência de humanidade. Estar em campo foi revelador para a pesquisa, estar aberta a ouvir os *millennials* foi transformador para a minha visão da geração.

Certamente, a pesquisa merece ser ainda explorada por outros aspectos. Como uma contribuição à literatura apresentada, questões mais densas de como o consumo se beneficiou da criação da cultura juvenil e de gerações poderiam enriquecer ainda mais a compreensão do cenário. O recorte necessário para a realização da pesquisa, o cenário carioca, poderia ser ampliado para outros estados do país, assim também como para jovens que não alcançaram a graduação. E finalmente, realizar entrevistas com jovens que ainda não se envolveram com nenhuma causa social e escutar seu ponto de vista.

O contexto social foi elemento fundamental para qualquer afirmação que seja aqui exposta. Entretanto, a pesquisa atinge neste momento um impasse: se a geração não se reconhece em um discurso fechado, como descrever os apontamentos de campo sem atingir conclusões generalizantes? Outra vez, Stuart Hall poderá amparar tais questionamentos. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13). Através da análise do sujeito fragmentado que é colocado em identidades culturais, o autor investiga a cultura nacional abrindo possibilidades para outras ainda. Aproximo-me, então, da identidade juvenil. À luz de Hall, a cultura juvenil é afirmada desde o nascimento do indivíduo, formando uma forte identidade cultural que não é *natural* do humano. O valor de mudança social, muitas vezes, pode ser visto como elemento intrínseco ao jovem. A pesquisa aqui realizada possibilitou investigar determinados anseios. O autor, que segue seu exemplo sobre a cultura nacional, observa que ela é um discurso, um “(...) modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 51). Através da perspectiva da identidade nacional do autor, a

cultura juvenil da modernidade tardia também carrega discursos cheios de verdades, como: atraentes, irresponsáveis e em busca de liberdade². Mais ainda, os símbolos e as representações de mudança social construídas pelas gerações pós-Segunda Guerra não se assemelham com as produzidas pelos *millennials*. Assim, os sentidos que construíram, a História da mudança social juvenil, a memória e a tradição entram em conflito com o reconhecimento de como está sendo feita a mudança social pelos jovens hodiernos.

Sobre como a narrativa cultural é representada socialmente, o autor destaca alguns aspectos que acredita serem importantes, dentre eles: continuidade, tradição e atemporalidade. Em contraponto à crítica acerca da falta de movimentos individuais e coletivos no sentido de mudança social por parte dos *millennials*, percebe-se continuidade para essa categoria social, por também lutarem por direitos dos cidadãos, luta que é reforçada a cada nova geração. E ainda pela tradição, em que o modo de se fazer, nas ruas, deve ser preservado, visto que o termo *slackactivism* foi criado pejorativamente. Por fim, a atemporalidade da juventude onde o jovem sempre viverá sentimentos e questões de um jovem, independentemente da geração ou data de nascimento, com problemas pessoais, descobertas de si e sobre o mundo. Basta analisar o contexto histórico em que ele vive para observar que estão todos lá, se repetindo.

Então, assim como Hall analisa a cultura nacional, sem ser uma unidade, a cultura juvenil e, por assim dizer, o recorte geracional *millennials*, também não o será. Como resposta ao impasse levantado, as respostas obtidas neste estudo proporcionaram “costurar” as diferenças que, juntas, formam a Geração *Millennials*, afirmando que novos estudos podem ser somados a este com ainda mais conteúdo e encontro de informações, para a desconstrução de uma geração unificada.

Por fim, esta pesquisa conclui sua investigação consciente de que o trabalho a ser realizado sobre os *millennials* é digno, ainda, de mais estudos e exploração acerca da primeira geração de jovens a ter internet. Por serem tão caracterizados em uma modernidade tardia, globalizante e fragmentada, e ainda por carregarem expectativas e ansiedades que podem acarretar em grandes

² Video *We all want to be young*.

dificuldades para a vida. São tais indivíduos descentrados que encontramos aqui e no mundo, sob novo contexto. Não se trata de uma juventude apática ou transviada, mas em vias de ser o que sempre foi: jovem.